

REPENSANDO O DISCURSO SEXISTA APLICADO ÀS PRÁTICAS CORPORAIS: POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR QUE LIBERTA O CORPO

Marcos Vinícius Guimarães de Paula¹

João Henrique Suanno²

Livia Alessandra de Carvalho Teles³

Resumo

Esse ensaio teórico discute a respeito do discurso de gênero, seus reflexos na sociedade e sua forte influência nas práticas corporais da Educação Física Escolar, questionando a separação sexista que ocorre em relação às vivências do corpo. Também problematiza sobre a importância da intervenção docente nesse contexto, contribuindo para a leitura crítica da realidade e para um posicionamento reflexivo por parte do educando. Ademais, o presente trabalho aponta e destaca a análise do discurso como ferramenta que pode colaborar para mudança da estrutura social, transformando-a por meio da desconstrução de discursos e, conseqüentemente, a construção de novos discursos de resistência. Dessa forma, o texto a seguir procura estabelecer diálogos entre Educação Física Escolar, gênero e análise do discurso, destacando algumas possibilidades de intervenção pedagógica para o enfrentamento da problemática em destaque. Aqui, defende-se uma disciplina de Educação Física não como apêndice escolar, mas como componente curricular que tem muito a contribuir na formação do educando. Os saberes da Educação Física Escolar contribuem de forma significativa para questionar os discursos ideológicos, despertando a consciência e a atuação política dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Análise do discurso. Gênero.

Abstract

This theoretical essay discusses gender discourse, its reflexes in society and its strong influence on the corporal practices of Physical School Education, questioning the sexist separation that occurs in relation to the experiences of the body. It also discusses the importance of teacher intervention in this context, contributing to a critical reading of reality and to a reflective positioning on the part of the student. In addition, the present work points out and highlights the discourse analysis as a tool that can collaborate to change the social structure, transforming it through the deconstruction of discourses and, consequently, the construction of new discourses of resistance. Thus, the following text seeks to establish dialogues between School Physical Education, gender and discourse analysis, highlighting some possibilities of pedagogical intervention to address the problematic in focus. Here, a physical education discipline is defended not as a school appendix but as a curricular component that has much to contribute to the education of the student. The knowledge of Physical School Education contributes significantly to questioning the ideological discourses, awakening the students' awareness and political action.

Keywords: School Physical Education. Discourse analysis. Genre.

INTRODUÇÃO

¹Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT-UEG). Professor de Educação Física na rede municipal de educação de Anápolis-Goiás. E-mail: marcosviniciusguimaraesdepaula@outlook.com

²Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona–Espanha. Doutor em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: suanno@uol.com.br.

³Mestranda em Educação Física pela Universidade de Brasília (UNB). Professora de Educação Física da rede municipal de educação de Anápolis-Goiás. Email: liviale23@hotmail.com

Este trabalho reflete a respeito do discurso de gênero social vigente, questionando a concepção de gênero para além da visão biológica que diferencia homem e mulher, mas apontando o aspecto social como fundamental para compreensão a respeito dessa temática.

Discorre sobre os reflexos que o discurso de gênero promove na disciplina de Educação Física Escolar, principalmente em relação aos seus conteúdos, isto é, as práticas corporais. Além disso, discute sobre a relevância da atuação do professor de Educação Física na problematização do discurso de gênero, indicando algumas possibilidades de ações pedagógicas para desconstrução desse discurso. O trabalho objetiva estabelecer diálogos entre a Educação Física Escolar e a análise do discurso numa visão propositiva de mudança social.

No que tange à fundamentação teórica, o trabalho apóia-se em Daólio (2003), Romero (1994) para conceituar gênero e compreender sobre as relações sociais como aspectos importantes para o conceito. As ideias de Brandão (2004), Fairclough (2001) e Magalhães (2005) foram cruciais para o desenvolvimento da discussão a respeito da análise do discurso. As leituras de Jesus e Devide (2006), Souza Júnior e Darido (2002), Sousa e Altmann (1999), e Almeida (2003) possibilitaram reflexões sobre o discurso de gênero e a Educação Física Escolar. E, Freire (1998), juntamente com Libâneo (2002) permitiram discorrer sobre o campo complexo da escola e da educação.

Considerações sobre o discurso de gênero: uma breve análise

Se por um lado a sociedade propaga a visão de um homem caracterizado como másculo, forte, viril e até mesmo agressivo, por outro, características como sensibilidade, delicadeza e suavidade não são bem quistas para esse mesmo homem no seio social. Da mesma forma, a mulher “ideal” é aquela delicada, que fala suavemente, está sempre maquiada, cruza as pernas ao sentar e está inserida em um universo de doçura.

Segundo Daólio (2003), há uma construção cultural específica do corpo masculino e do feminino, na qual sobre um menino, mesmo antes de nascer, recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que dará sequência à geração. Diferentemente, no caso das meninas paira toda uma delicadeza e cuidados. A esse respeito, Romero (1994, p. 227) afirma:

Na sociedade brasileira, os papéis sexuais são bem distintos e determinados, caracterizando os comportamentos tipicamente masculinos e femininos. Ser homem ou mulher na cultura brasileira é fundamentalmente diferente, pois os papéis sexuais ainda são prescritos com muita rigidez. Assim, em nível de comportamento, vê-se significativas diferenças entre homens e mulheres. Por exemplo, a mulher realiza tarefas domésticas, o homem não. Em nível de reações emocionais espera-se que a reação do choro seja sempre por parte da mulher, mas não do homem: que o homem seja frio e corajoso, a mulher emotiva e insegura. Em nível de atitudes, a mulher deve manter uma postura social receptiva e submissa diante da agressão e do domínio masculino. Em nível de valores, a mulher deve colocar o lar e os filhos em primeiro lugar, o homem deve pensar na realidade através do trabalho fora do lar.

No tocante à conceituação de gênero, aponta-se que esse não se refere à diferença puramente biológica existente entre homem e mulher. Há a necessidade de esclarecimento quanto a esse conceito. O senso comum diria que a questão de gênero refere-se à diferença em termos biológicos entre homens e mulheres. De fato, essa diferença deve ser levada em consideração, contudo, não se pode limitar o conceito de gênero à apenas essa, sendo necessário analisar também as questões de cunho social e cultural.

Dessa forma, cabe compreender que o conceito de gênero está situado no contexto da construção social, isto é, dentro de um emaranhado de contextos, a saber: o biológico, o social e o cultural. É relevante destacar, portanto, a ideia de que a questão de gênero é uma construção social que uma determinada cultura estabelece em relação aos homens e às mulheres. Assim, entende-se que gênero é:

Um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana (SOUSA e ALTMANN, 1999, p. 53-54).

Assim, é importante salientar que existe um paradigma de gênero, entendido nesse trabalho como um discurso, que paira na contemporaneidade e acaba por influenciar fortemente a vida. Existe um rótulo de homem e um de mulher, ou seja, um discurso de gênero a ser repensado.

No seio social o homem muitas vezes somente é visto como homem com “H” - para usar uma expressão própria do discurso de gênero - quando esse é forte, robusto e até mesmo bruto. Diferentemente, exige-se que a mulher seja sensível, meiga e singela, uma verdadeira “boneca de porcelana”. Quando o sujeito foge a essa padronização, eles são marginalizados e muitas vezes vítimas de preconceito. Dessa forma, acaba-se por esvaziar a noção de sujeito,

uma vez que essas pessoas acabam por ter a sua identidade esmagada pelos discursos de gênero.

Conforme destaca Pêcheux *apud* Brandão (2004), a ideologia constitui indivíduos concretos em sujeitos, sendo que esses estabelecem formações discursivas conforme as formações ideológicas que lhes correspondem, ao ponto que a interpelação ideológica identifica o sujeito. Para Brandão (2004, p. 79): “a constituição do sujeito deve ser buscada, portanto, no bojo da ideologia: o ‘não-sujeito’ é interpelado, constituído pela ideologia”. Nesse sentido, compreende-se que o sujeito é interpelado pela ideologia de gênero.

Muitas vezes o sujeito acaba por reproduzir o discurso de gênero, pois é moldado pela ideologia, assumindo para si a responsabilidade do seu discurso, como se esse não sofresse nenhuma interferência, isto é, fosse puro. Contudo, Brandão (2004) reflete sobre a ilusão discursiva do sujeito: o sujeito tem a ilusão de que ele é o criador absoluto do seu discurso e tem a ilusão de que o discurso reflete o conhecimento objetivo da realidade. Dessa forma, “a concepção de um sujeito marcado pela ideia de unidade, do centro, fonte ou origem do sentido constitui uma ‘ilusão necessária’, construtora do sujeito” (BRANDÃO, 2004, p.83). Vê-se então que em muitos casos, o sujeito reproduz o discurso de gênero acreditando que esse é o seu posicionamento, a sua escolha, sem realizar um exercício crítico, que o permite visualizar a interferência da ideologia na formação do seu próprio discurso.

Nessa perspectiva, cabe refletir a respeito da construção da identidade, sendo necessário valorizar a identidade dos sujeitos. Percebe-se que muitas vezes a identidade do ser é amordaçada na esfera social, objetivando padronizar as pessoas, seus comportamentos e sua forma de ser no mundo. É essencial analisar a identidade no que diz respeito à voz daqueles que transgridem e não se encaixam nos padrões sociais impostos. Nesse pensar, pontua-se que:

A construção de identidades e de identificações relaciona-se ao significado identificacional, mas também está ligada aos processos de classificação, de elaboração de semelhanças e diferenças (significado representacional), e aos processos de construção, manutenção e subversão de papéis sociais e relações sociais (significado acional/ relacional). (RAMALHO e RESENDE, 2001, p. 131).

Há de se entender que cada sujeito é um ser ímpar em um espaço social caracterizado como plural, isto é, diverso. Urge valorizar e respeitar a identidade do sujeito no que se refere à questão de gênero, que permeia também a identidade.

Reflexões sobre o discurso de gênero segregador na Educação Física Escolar

O discurso de gênero acaba por atingir o chão da escola, em especial a disciplina de Educação Física. As práticas corporais que a Educação Física Escolar trata como seus saberes e conteúdos são fortemente influenciados por esse discurso, sendo necessário pensar sobre essa influência e a relevância da intervenção docente nessa problemática.

De maneira geral, como reflexo do discurso de gênero, padronizou-se que existe aquilo que é reservado para o homem e aquilo que é destinado para a mulher. Por exemplo, a cor azul está relacionada ao homem, bem como a cor rosa à mulher. Da mesma maneira, essa relação se desdobra para os movimentos corporais, que acabam por serem classificados socialmente como “de homem” e “de mulher”. Nesse quadro, por exemplo, as meninas dançam e os meninos jogam futebol, e o contrário não é bem visto, em função da formação discursiva de gênero. Há uma segregação sexista nas práticas do corpo.

No campo das atividades corporais é vasta a classificação daquelas destinadas aos homens e às mulheres. Existe, portanto, um sistema de classificação das atividades corporais. As ginásticas, as danças, os esportes como voleibol, brincadeiras que envolvem cantigas, músicas, artes e outros são compreendidas para a figura feminina. Já os esportes como futebol, os jogos e as atividades que envolvem a força, o suor, a destreza e as capacidades físicas são reservadas aos rapazes.

O discurso de gênero é tão forte nas atividades que envolvem o corpo que acabam por gerar preconceito e discriminação. Por exemplo, o garoto que se interessa pela dança, pelas ginásticas ou outra atividade dita socialmente “feminina” é visto muitas vezes como afeminado, já que para o discurso de gênero dançar é algo reservado apenas às meninas. E a garota que se aventura no campo do futebol, que é caracterizado pela hegemonia masculina é vista como um protótipo de homem, uma “mulher macha”. Esses alunos e alunas que fogem à padronização de gênero nas práticas corporais (e não somente nelas) são normalmente vítimas

de violência simbólica, como chacotas, piadinhas e processos perversos de humilhação nas aulas de Educação Física Escolar.

É importante compreender que a suavidade e a sensibilidade não são características reservadas apenas ao universo feminino. O fato de fugir de um estereótipo de homem não significa não ser homem, nem tampouco a menina que não é toda delicada não pode ser vista como um desvio da figura da mulher.

Acrescenta-se ser relevante perceber também que o discurso de gênero faz vítima não apenas os homens e as mulheres que fogem aos estereótipos desse discurso. As pessoas que fogem à concepção de gênero binária, como os homossexuais, por exemplo, são também normalmente discriminadas no espaço das atividades corporais.

Nesse sentido, vale destacar a necessidade de discutir sobre o discurso de gênero que ainda perdura não somente na Educação Física Escolar, mas, sobretudo, na sociedade como um todo. Essa tarefa demanda luta e encontra na escola e na análise do discurso espaços para repensar, desconstruir e construir novos discursos que evidenciem o sujeito.

O ser humano é caracterizado por ser ímpar, sendo necessário que o discurso do respeito às diferenças seja reverberado e polinizado. Vê-se, portanto, que a instituição escolar enquanto espaço de formação humana e espaço de síntese (LIBÂNEO, 2002) tem muito a colaborar na discussão sobre o discurso de gênero.

No tocante à Educação Física Escolar, o professor dessa disciplina tem relevância fundamental. O professor precisa questionar esse paradigma em suas aulas, para que os alunos possam, quem sabe, compreender que as práticas corporais são destinadas a todos. A atuação docente é necessária para que os alunos possam realizar, mesmo que não seja de maneira complexa, uma análise do discurso de gênero.

Algumas possibilidades de intervenção docente serão discutidas nesse trabalho para que se possa, minimamente, compreender alguns caminhos que permitam a desconstrução e construção de discursos críticos na Educação Física Escolar.

Primeiramente, é válido pontuar que o professor no dia a dia escolar tem a possibilidade de discutir com seus alunos a respeito do discurso de gênero por meio dos conteúdos da disciplina (lutas, danças, ginásticas, esportes e jogos) que são denominados elementos da cultura corporal segundo Coletivo de autores (1992). Promover reflexões seja por meio de debates, de seminários, do uso de recursos didáticos diversos são caminhos a

serem seguidos. Estimular o exercício crítico da reflexão permite que o discurso de gênero seja debatido e reconstruído.

Vale dizer também que o professor pode mostrar aos seus alunos que a questão de gênero é forte ao ponto que acaba por influenciar as habilidades dos meninos e das meninas nas aulas de Educação Física. É relevante que o professor reflita com os alunos que eles próprios são reflexos de uma construção social. Logo, os meninos normalmente são mais hábeis do que as meninas por serem incentivados ao movimento corporal desde cedo. Já as meninas desde o seu nascimento são incentivadas a não se movimentarem, a não se sujarem e a não suarem.

Esse discurso corporal de gênero acaba por tornar as meninas mais fragilizadas em relação ao movimento. É fato que os garotos são mais fortes do que as meninas, por uma questão anátomo-biológica. Entretanto, também é verdade que o discurso de gênero colabora para isso: o não incentivo ao movimento corporal torna a menina mais debilitada em termos de vivências corporais. Dessa maneira, o professor de Educação Física pode refletir com os alunos que eles (meninos e meninas) são sujeitos construídos socialmente e que essa influência é determinante no desenvolvimento das práticas corporais.

Outra possibilidade de intervenção na construção de novos discursos refere-se ao trabalho com aulas mistas, pois do contrário, reforça-se o discurso social de gênero vigente. É necessário compreender que:

As aulas mistas surgiram no panorama da Educação Física Escolar argumentando a possibilidade de desconstrução de estereótipos sexuais e a viabilização dos conteúdos para ambos os sexos, de forma igualitária [...]. A intervenção pedagógica do docente torna-se fundamental para a desconstrução de alguns estereótipos e a minimização da separação dos sexos nas aulas de Educação Física Escolar, incentivando a prática de alunos e alunas nas mesmas atividades corporais, contribuindo para o desenvolvimento da solidariedade, gerando um melhor entendimento da construção social das diferenças de gênero e conseqüentemente, a tolerância de ambos os sexos, sobre o seu desempenho nas atividades motoras propostas (JESUS e DEVIDE, 2006, p. 128-129).

Entra na cena de discussão a necessidade do respeito às diferenças. O professor precisa dar a sua contribuição para a tomada de consciência de seus alunos quanto a isso, pois talvez assim, a Educação Física deixasse de:

Estabelecer desigualdades de oportunidades e passaria a ser palco de igualdades de acesso para todos, a partir da compreensão de que as diferentes formas de

praticá-la não são, superiores ou inferiores, mas sim diferentes. Ao invés de palco de preconceitos e subjugações, seria palco de nova compreensão das diferenças e aprendizado com o diferente. (OLIVEIRA, 2006, p. 305).

Desse modo, propor aulas de Educação Física, nas quais alunos e alunas participam juntos é uma forma de contribuir para a reflexão no que concerne à questão de gênero. Ora,

Os principais argumentos utilizados para a separação por sexo nas aulas de Educação Física referem-se à superioridade dos meninos em quase todas as qualidades físicas. Porém, este argumento só se justifica se o objetivo exclusivo da Educação Física fosse o rendimento físico (FREIRE *apud* SOUZA JÚNIOR e DARIDO, 2002, p.04).

Ademais, vale repensar uma estratégia bastante utilizada por alguns professores de Educação Física que consiste em adaptar as regras para que as meninas participem mais efetivamente da aula, dos jogos, dos esportes e etc. Essa estratégia acaba por reforçar o discurso de gênero, pois ao tentar selecionar um problema, cria-se outro: quebra-se a dinâmica de jogo e a culpa cai sobre as meninas, já que as regras foram modificadas em função delas. Além do mais, “modificar as regras do jogo pode representar uma forma de ajustar o jogo à ‘debilidade’ feminina, mais uma vez consagrando-se a ideia de que o feminino é um desvio construído com base no masculino” (LOURO *apud* SOUSA e ALTMANN, 1999, p. 63).

O professor de Educação Física pode contribuir para que o aluno perceba que certos discursos adotados são influenciados pela ideologia dominante, uma vez que a ideologia forma as opiniões, e por consequência, forma o sujeito. Portanto, um aluno que afirma não querer fazer uma dança em uma aula ou uma aluna que afirma não querer participar de uma aula de futebol, por exemplo, expressam opiniões que demonstram ilusões discursivas dos sujeitos (BRANDÃO, 2004), como se ele ou ela pensasse assim por si só, sem influência ideológica.

Objetivando estabelecer diálogos possíveis entre a análise do discurso e a educação aponta-se alguns desafios para essa última: contribuir para o próprio aluno se reconhecer enquanto sujeito e perceber-se enquanto sujeito formado pela influência de diversos aspectos, como ideologia, família, igreja, escola, mídia e etc. Destaca-se ainda a necessidade da escola e dos professores reconhecerem o próprio aluno como sujeito. Tarefa que não é fácil, frente à diversidade da sala de aula.

No tocante à Educação Física Escolar, o professor em seu fazer pedagógico pode atuar como um agente de transformação social por meio da análise do discurso. Assim, ao debater o discurso de gênero em suas aulas, o professor de Educação Física coopera para a análise crítica da realidade por parte dos alunos, uma vez que como alerta Fairclough (2001), a prática discursiva pode reproduzir a sociedade, mas também pode transformá-la, em uma visão dialética. Fairclough (2001, p. 91) discorre:

O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou, indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Ora, o professor de Educação Física tem papel crucial na desconstrução do discurso de gênero e no processo de transformação social. A Educação Física na escola pode quebrar as algemas sexistas nas práticas corporais. Ela pode também:

Contribuir para libertação corporal de meninas e meninos. Para que isso seja possível, o (a) professor(a) de Educação Física deve repensar o seu papel como agente de transformação social, evitando atitudes e comportamentos que propiciem a separação de gêneros. Interessante seria incentivar todos os alunos, sem diferenciação de sexo, a participarem de todas as atividades propostas nas aulas, na verdade, o que se busca é uma equidade de oportunidades. (ALMEIDA, 2013, p.138).

A Educação Física no contexto escolar precisa colaborar na luta contra o discurso sexista, repensando-o, desconstruindo-o e possibilitando a discussão com criticidade por parte de professores e alunos. A esse respeito, Romero (1994, p. 232) aponta:

Finalmente dir-se-ia que se deseja dos professores de Educação Física no seu papel de educadores, que, aliados aos demais professores, de modo geral, que persigam a minimização da diferença psicológica entre os sexos, evitando assim que a Educação Física continue a serviço da ideologia sexista. Outorga-se a todos os educadores a responsabilidade de desempenho de papéis na sociedade. O que se espera e se deseja é que todos os indivíduos se tornem humanos plenos e que possam usufruir de todo material potencial de uma sociedade melhor. Assim sendo, a escola como uma instituição social é o local onde a ideologia se sistematiza e, por essa razão, a posição dos professores necessariamente recai numa postura política, na maioria das vezes, negada por eles, entretanto, inquestionavelmente existente.

No que diz respeito à análise do discurso, em uma perspectiva crítica, Magalhães (2005) enfatiza que seus objetivos giram em torno de uma contribuição para o debate das questões relacionadas ao racismo, à discriminação baseada no sexo, à violência, à exclusão social e demais temas. Nesse aspecto, destaca-se que:

A dimensão crítica relaciona a análise do discurso crítica com uma preocupação explícita com o exercício do poder nas relações sociais, o que inclui as relações de gênero e classe social, como também as relações entre raças e etnias (MAGALHÃES, 2005, p.06-07).

Sendo assim, a análise do discurso em viés crítico é essencialmente política, contribuindo para que as pessoas não sejam discriminadas devido ao sexo, idade, credo, classe social, raça, opção sexual e outros. A análise do discurso está a serviço dos grupos marginalizados, objetivando que os discursos desses grupos sejam reconhecidos e legitimados. Portanto, ela transgredir as padronizações sociais. E, dessa maneira, coopera para a liberdade dos meninos e das meninas no tocante as vivências do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pontua-se que é no contexto crítico de análise do discurso que o presente trabalho discutiu a Educação Física Escolar, de tal forma que essa contribua para romper com a camisa de força do discurso de gênero, sobretudo, nas práticas corporais.

Vislumbra-se uma Educação Física Escolar que trabalhe com as questões sociais, tal como a discutida nesse texto. É fundamental que essa disciplina contribua para a construção de novos discursos relacionados às vivências corporais, uma vez que já não há mais espaço para o discurso ideológico sexista.

Nessa visão, uma Educação Física Escolar crítica contribui para uma sociedade menos injusta, pois alerta Paulo Freire (1998) que o ser humano é sujeito da história e não apenas seu objeto, sendo capaz de mudar o rumo da política, da cultura e das questões sociais. Por conseguinte, a Educação Física dentro do processo macro da Educação pode contribuir para a construção da autonomia, da noção de sujeito e da criticidade do educando.

Em suma, esse trabalho é uma breve reflexão sobre o problema em destaque, sendo necessário aprofundar na temática complexa que a análise do discurso de gênero representa, a fim de que sejam estabelecidos diálogos entre a Educação Física Escolar, a análise do

discurso e a liberdade do corpo em movimento. A transgressão ao discurso sexista aplicado às práticas corporais é o posicionamento político desse texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Giliane Duarte de. O sexismo e a prática pedagógica dos professores de educação física dos 6º anos da diretoria regional de Guarulhos sul. **Coleção Pesquisa em Educação Física** - Vol. 12, n. 2, 2013.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Sobre a noção de sujeito. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2004. p. 53-86.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, educação física e futebol**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. Teoria social do discurso. **Discurso e mudança social**. Coordenação da tradução e revisão técnica Izabel Magalhães. Brasília: Editora da UnB, 2001. p. 89-132.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

JESUS, Mauro Louzada de; DEVIDE, Fabiano Pries. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **MOVIMENTO**, Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 123-140, setembro/dezembro de 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** : novas exigências educativas e profissão docente. – 6. ed.- São Paulo : Cortez, 2002.

MAGALHÃES, Izabel. Introdução a análise de discurso crítica. **Delta**, v. 21, n. especial, p. 1-9, 2005.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de. O futebol nas aulas de Educação Física: entre “dribles”, preconceitos e desigualdades. **Motriz**, Rio Claro, v.12, n.3, p. 301-306, set./dez. 2006.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. M. Análise textual aplicada: categorias analíticas e exemplos de análise. In: _____. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas: Pontes, 2011.p.111-156.

ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Santa Maria, v. 15, n.03, p. 226-234, Junho/1994.



SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, Rio Claro, Jan-Abr 2002, Vol.8 n.1, p.01-09.